

AYANA GRAY

NO
CORACÃO
DA SELVA

Tradução
Karine Ribeiro

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2022

*Dedicado às raízes da árvore da qual
uma flor desabrochou.*

FRUTO PROIBIDO

ADIAH

Meu pai diz que apenas coisas perversas acontecem depois da meia-noite, mas sei que não é bem assim.

Prendo a respiração, aliviada porque a porta da frente não range quando a abro, e aprecio a brisa noturna na minha pele. A essa hora da noite, o seu cheiro é marcante, uma mistura forte de ozônio e pinho. Espio por cima do ombro. No cômodo ao lado, meus pais dormem pesado; os roncoss da minha mãe são gentis, os do meu pai, estrondosos. É fácil imaginá-los, dois corpos negros abraçados sob um cobertor puído, ambos cansados depois de um dia intenso de colheita nos campos. Não quero acordá-los. Talvez no descanso dos sonhos a filha deles seja diferente, uma garota responsável em vez de uma que escapa no meio da noite. Às vezes eu queria *ser* aquela garota responsável. Hesito mais um segundo antes de deslizar para o abraço da noite.

Do lado de fora, o ar está ameno, as nuvens cinzentas densas com a promessa da temporada de chuvas, mas Lkossa continua sendo uma cidade banhada pelo luar prateado, mais do que o suficiente para mim. Zanzo pelas estradas vazias, disparando em meio às sombras das ruas pouco iluminadas por arandelas, e rezo para não dar de cara com um dos Filhos dos Seis patrulhando a cidade. É improvável que me encrencasse se os guerreiros ungidoss me pegassem, mas com certeza me fariam voltar,

e não quero isso. Caminhar por aqui sem que os sussurros sigam meu rastro é um prazer raro, e há outra razão para não ser mandada de volta para casa ainda: Dakari está esperando por mim.

Enquanto sigo para o norte, noto os novos estandartes decorando a maior parte da cidade, trançados juntos em cordas verdes, azuis e douradas: verde para a terra, azul para o oceano e dourado para os deuses. Alguns estão pendurados em varais tão finos e desgastados quanto um fio; outros estão pregados de qualquer jeito nas portas de casas de tijolos de barro, tão modestas quanto a minha. É um esforço cativante. Em algumas horas, quando o amanhecer chegar, os moradores se reunirão para começar a observação do Dia do Vínculo, uma data sagrada em que celebramos a nossa conexão com os deuses desta região. Ambulantes venderão amuletos para os devotos e darão bolsinhas com arroz para as crianças jogarem. O recém-indicado Kuhani oferecerá bênçãos do templo, e músicos encherão as ruas com sua sinfonia desafinada. Sei que mamãe fará batata-doce assada com mel e salpicada com canela, como sempre prepara em ocasiões especiais. Papai provavelmente vai surpreendê-la com um presente que economizou para comprar; e ela provavelmente vai dizer a ele que não precisava. Ignoro a dorzinha no peito quando penso em Tao, perguntando-me se ele passará em nossa casa como geralmente faz nos feriados. Não tenho certeza se vai; Tao e eu não estamos nos falando.

A cidade escurece conforme alcanço a fronteira, uma grande clareira que separa Lkossa dos primeiros pinheiros pretos da Selva Maior. Eles parecem observar com uma concentração atemporal enquanto me aproximo, tão estoicos quanto a deusa que dizem habitar entre eles. Nem todos ousariam se aventurar aqui (alguns acreditam que a selva não é segura), mas não me importo. Meus olhos inspecionam o terreno em expectativa, mas, quando percebo que estou sozinha, preciso reprimir uma breve decepção. Dakari me disse para encontrá-lo exatamente aqui depois da meia-noite, mas não está aqui. Talvez esteja atrasado, talvez tenha decidido não...

— Passarinha.

Meu coração bate forte com o apelido familiar, e, apesar do frio da noite, um rubor opaco aquece minha pele quando uma figura se afasta de um dos pinheiros próximos e entra em um ponto mais iluminado.

Dakari.

É difícil distinguir suas feições em meio à noite, mas minha imaginação consegue visualizá-las de maneira fácil. Metade de seu rosto é banhada pelo luar, que traça os contornos afiados de sua mandíbula, a suave inclinação de seus ombros largos. Ele é mais alto que eu, com o porte esguio de um atleta. Sua pele negra radiante é alguns tons mais clara que a minha e seu cabelo, preto como um corvo, acaba de ser cortado em um *dégradé*. Ele se parece com um deus e, julgando pelo sorrisinho convencido que me dá, sabe disso.

Em alguns passos confiantes, Dakari acaba com a distância entre nós e o ar ao meu redor se enche com o cheiro dele de imediato: aço, terra e couro de seu treinamento nas forjas do Distrito Kughushi. Ele me olha de cima a baixo, visivelmente impressionado.

— Você veio.

— Mas é óbvio. — Tento parecer calma. — Nós combinamos depois da meia-noite, não foi?

— Foi sim. — A risada dele é baixa, quase musical. — Então, está pronta para ver a surpresa?

— Está de brincadeira? — Minha risada imita a dele. — Estive esperando por isso o dia inteiro. É melhor valer a pena.

— Ah, *vale sim*. — De repente, a expressão de Dakari fica mais séria. — Você precisa *prometer* manter segredo. Nunca mostrei para mais ninguém.

Isso me surpreende. Afinal de contas, Dakari é atraente e popular; ele tem muitos amigos. Muitas *amigas*, para ser mais precisa.

— Você quer dizer que nunca mostrou para ninguém mesmo?

— Não — responde ele baixinho. — Isso é realmente especial para mim, e eu... eu acho que nunca confiei em alguém o bastante para compartilhar.

Ajeito a postura depressa, esperando parecer madura, como o tipo de garota em que se *pode* confiar.

— Não vou contar para ninguém. Prometo — sussurro.

— Ótimo. — Dakari dá uma piscadela, gesticulando. — Então, sem mais delongas, aqui está!

Espero um segundo antes de franzir a testa, confusa. Os braços de Dakari estão estendidos como se ele estivesse prestes a alçar voo, sua expressão cheia de júbilo. É óbvio que ele gosta de seja lá o que está vendo, mas *eu* não consigo ver nada.

— Há... — Depois de mais alguns segundos desconfortáveis, rompo o silêncio: — Desculpe, estou perdendo alguma coisa?

Dakari olha na minha direção, os olhos brilhando de divertimento.

— Quer dizer que não consegue sentir o esplendor ao nosso redor?

Assim que as palavras deixam os lábios dele, há um tamborilar bem dentro de mim. É como o primeiro acorde de um corá, reverberando por todo o meu corpo. E então entendo, é óbvio. Forasteiros chamam de *magia*; meu povo chama de *esplendor*. Não consigo ver, mas o sinto (grande parte dele) se movendo abaixo da terra como ondas na água. Há muito mais dele aqui do que já senti com os outros darajas nos gramados do templo.

— Como...? — Estou com medo até de me mover, de perturbar seja lá qual for essa maravilha estranha. — Como é possível ter tanto dele aqui?

— É um evento raro e natural, acontece apenas uma vez por século. — Os olhos de Dakari estão fechados, como se saboreasse um fruto proibido. — É por isso que o Dia do Vínculo é tão especial, Passarinha.

Olho ao nosso redor, atônita.

— Achei que o Dia do Vínculo fosse simbólico, um dia de reverência por...

Dakari balança a cabeça em negação.

— É muito mais do que um dia simbólico. Em algumas horas, uma quantidade imensurável de esplendor se elevará até a superfície da terra. O poder será glorioso de se contemplar, embora eu duvide que a maioria

das pessoas será capaz de senti-lo da forma como *você* pode. — Ele me lança um olhar astuto, de quem sabe do que fala. — Afinal de contas, poucos darajas são tão dotados como você.

Algo agradável se contorce dentro de mim com o elogio. Dakari não é como a maioria das pessoas em Lkossa. Ele não tem medo de mim ou do que consigo fazer. Ele não se intimida com as minhas habilidades.

— Feche os olhos. — As palavras são mais um convite do que um comando. — Vamos lá, experimente.

Faço o que ele diz. Meus pés descalços balançam e o esplendor responde como se estivesse esperando que eu tomasse a iniciativa. Espalha um formigamento enquanto flui por mim, me preenchendo como o chá de mel preenche a porcelana preta. É *divino*.

— Passarinha. — Em minha nova escuridão, a voz de Dakari mal é ouvida, mas sinto a emoção nela, o *desejo*. — Abra os olhos.

Obedeço e o ar deixa meu corpo.

Partículas concentradas de esplendor estão fluando ao nosso redor, brilhando como diamantes transformados em pó. Sinto um milhão de seus pequeninos pulsares no ar, e quando as batidas de seus corações encontram as minhas, sinto um inconfundível senso de conexão com elas. A poeira vermelha sob meus pés tremula enquanto mais dela paira no ar, dançando pelos meus membros e se infiltrando em meus ossos. Uma corrente de sua energia cobre o meu corpo, intoxicando-me. Instantaneamente, quero mais. Ao meu lado, algo faz cócegas na minha orelha. Dakari. Não percebi ele se aproximar de mim. Quando se inclina e sua mão toca a minha lombar, mal consigo conter o arrepio.

— Imagine o que você poderia fazer com isto. — Os dedos dele, entrelaçados aos meus, são cálidos, seus lábios suaves contra a minha bochecha. Penso neles, tão perto dos meus, e me esqueço de como respirar. — Imagine o que poderia fazer as pessoas *verem* com esse tipo de poder. Poderia mostrar a todos que o esplendor não é perigoso, só incompreendido. Poderia provar que eles estavam errados sobre tudo, sobre *você*.

Você poderia provar que eles estavam errados. Engulo em seco, lembrando. As lembranças vêm com força total; os irmãos do templo e sua repressão, as crianças que correm quando me veem, os anciões cochichando. Penso nos meus pais em casa, adormecidos. Eles me amam, sei disto, mas até eles sussurram um para o outro quando acham que não estou ouvindo. Todos têm medo de mim e do que posso fazer, mas Dakari... ele não tem medo. Sempre acreditou em mim. Foi a primeira pessoa a me ver por completo. Para ele, não sou uma garota a ser castigada, mas uma mulher a ser respeitada. Ele me entende, ele me *compreende*, ele me ama.

Eu o amo.

O esplendor diante de nós se torna mais definido agora, formando uma coluna alta de luz branca e dourada que parece alcançar um reino além do céu. Emite um zumbido baixo. Eu poderia tocar se estendesse a mão. Ensaio fazer isso quando...

— Adiah!

Uma voz diferente irrompe a paz (uma voz cheia de medo) e desvio o olhar do esplendor. A mão de Dakari aperta a minha, mas me afasto e procuro na clareira, até encontrar um garoto magrelo em uma túnica manchada de terra. Seus dreadlocks curtos estão desgrenhados e ele está parado a alguns metros de distância, com a cidade atrás de si, as mãos nos joelhos como se descansasse de uma corrida. Não o vi chegar e não sei há quanto tempo está aqui. Seus olhos estão arregalados de horror. Ele me conhece e eu o conheço.

Tao.

— Adiah. — Meu melhor amigo não me chama de Passarinha; ele usa meu nome real. Sua voz está rouca, desesperada: — Por favor, não toque nisso. É... é perigoso.

Tao me ama também e de certa forma eu o amo. Ele é inteligente, engraçado e gentil. Ele tem sido como um irmão para mim durante toda a minha vida. Odeio magoá-lo. Odeio termos nos afastado.

— Eu...

Algo me impede de falar e as palavras de Tao ecoam no espaço entre nós. *Perigoso*. Ele não quer que eu toque o esplendor porque acha que é perigoso. Ele acha que *eu* sou perigosa, assim como todos acham. Mas Tao não entende, não compreende. Dakari não dissera nada, mas agora a voz *dele* preenche meus pensamentos:

Você poderia provar que eles estavam errados.

Percebo que posso e *vou*.

— Sinto muito.

As palavras saem dos meus lábios, mas são engolidas pelo súbito rugido do esplendor. A coluna crescera e ficara mais barulhenta; engolindo a resposta de Tao. Observo o brilho iluminar o rosto dele, as lágrimas nas bochechas, e tento amenizar aquela mesma dor no meu peito. Meu amigo sabe que fiz minha escolha. Talvez não importe agora, mas espero que me perdoe algum dia.

Torno a fechar os olhos enquanto meus dedos tocam os fragmentos mais próximos do esplendor. Desta vez, ao meu toque, eles passam por minhas veias com uma pressa ávida e inebriante. Meus olhos se arregalam enquanto me consomem, um êxtase tão cativante que mal assimilo a dor até que seja tarde demais.

PARTE UM

**LEÃO QUE
RUGE
NÃO CAÇA**

CAPÍTULO 1

BONS ESPÍRITOS

A cabana fedia a morte.

Era um cheiro nauseante, fétido e enjoativo de tão doce, denso no entardecer enquanto enchia os pulmões de Koffi. Quinze minutos haviam passado desde que ela se mexera pela última vez; as pernas estavam rígidas, a boca seca. De vez em quando, o estômago revirava, um prelúdio ao vômito. Mas não importava; ela continuou imóvel como uma pedra. Os olhos estavam fixos no que estava caído no chão sujo alguns metros à sua frente: a vítima.

O nome do garoto era Sahel. Koffi não havia trabalhado com ele por muito tempo no Zoológico Noturno, mas reconheceu seu rosto nu, negro como o dela, emoldurado pelo cabelo crespo e preto. Quando vivo, tivera um sorriso torto, uma risada irritante que soava como o zurrar de um burro. Essas coisas o abandonaram na morte. Koffi estudou o corpo esguio dele. Como era o costume gedeziano, a maior parte do corpo fora coberta pela mortalha, mas sangue seco ainda manchava partes do linho branco, indicando as feridas horrendas por baixo. Ela não conseguia vê-las, mas sabia que estavam lá; os arranhões, as *mordidas*. Dos cantos mais sombrios da mente dela, uma imagem aterrorizadora se tornou mais vívida. Imaginou Sahel cambaleando em uma selva, sem fazer ideia do que esperava por ele entre as videiras. Imaginou uma criatura grotesca

surgindo sob a luz do luar, a língua passando entre os dentes serrados enquanto observava a presa fácil.

Ela ouviu o grito.

Um calafrio violento passou por seu corpo, apesar do calor abafado. Se os rumores que ouvira mais cedo eram verdade, a morte de Sahel não fora nem rápida nem indolor.

— Kof.

Do outro lado da cabana quente, a mãe estava de joelhos ao lado do corpo de Sahel, olhando para o cobertor esfarrapado diante dele. Ali havia seis estatuetas de animais esculpidas em madeira (uma garça, um crocodilo, um chacal, uma serpente, uma pomba e um hipopótamo), um familiar para cada deus. A lamparina a óleo à direita banhava um lado de seu rosto com uma luz brilhante; o outro estava obscurecido pelas sombras.

— Está na hora.

Koffi hesitou. Concordara em ir até lá e fazer os rituais de despedida para Sahel, como mandava o costume gedeziano, mas a ideia de chegar mais perto do corpo a enervava. Mas bastou um olhar rápido da mãe e Koffi se ajoelhou com ela. Juntas, elas roçaram os dedos em cada uma das estatuetas antes de unir as mãos.

— Levem-no — sussurrou a mãe em oração. — Levem-no para seus ancestrais na terra dos deuses.

A cabeça dela ainda estava inclinada quando Koffi murmurou:

— É verdade?

A mãe lhe lançou um olhar cauteloso.

— Koffi...

— Alguns dos outros estavam falando — continuou Koffi antes que a mãe pudesse interrompê-la. — Disseram que outros foram mortos, que...

— *Cale-se.* — A mãe ergueu a cabeça de súbito e disparou as palavras como se fossem moscas tsé-tsé: — Cuidado ao falar dos mortos ou trará desgraça para eles.

Koffi comprimiu os lábios em uma linha fina. Diziam que, para ingressar na próxima vida, um dos familiares animais dos deuses (representados

pelas estatuetas diante delas) carregaria cada alma para o deus da morte, Fedu. Em seguida, cada alma teria que pagar a Fedu antes de ser levada para o paraíso na terra dos deuses. Se a alma não tivesse dinheiro para pagar pela passagem, era condenada a andar pela Terra como um espírito errante por toda a eternidade. Assim como Koffi, Sahel fora um aprendiz de guardião de feras no Zoológico Noturno, o que significava que ele tivera pouco dinheiro em vida e provavelmente menos ainda em morte. Se a fé dizia a verdade, isto significava que suas desgraças estavam apenas começando, Koffi sendo cautelosa ao falar ou não. Ela começou a dizer isso quando a porta de palha da cabana se abriu. Uma mulher robusta, usando tranças nagôs no cabelo grisalho, pôs a cabeça para dentro. A túnica simples que usava era cinza e ia até pouco acima dos joelhos, assim como a delas. Ao vê-las, ela franziu o nariz.

— Hora de ir.

A mãe gesticulou para as estatuetas.

— Não terminamos...

— Vocês tiveram tempo suficiente para essa bobagem. — A mulher fez um gesto de desdém com a mão. Ela falava zamani, a língua do Leste, como elas, mas seu dialeto yabahari dava às palavras um tom afiado e estalante. — O garoto está morto, rezar diante de brinquedos não muda isso, e há trabalho a ser feito antes do espetáculo, que Baaz espera que comece na hora certa.

A mãe assentiu, resignada. Juntas, ela e Koffi ficaram de pé, mas quando a mulher foi embora, as duas olharam para Sahel outra vez. Se não fosse pela mortalha ensanguentada, poderiam pensar que estava dormindo.

— Vamos voltar e terminar nossas orações mais tarde, antes que o enterrem — disse a mãe. — Ele merece isso.

Koffi puxou a gola puída de sua túnica, tentando atenuar o instante de culpa. Todos no Zoológico Noturno já haviam rezado por Sahel, mas ela implorara à mãe para esperar. Havia justificado que era por causa das tarefas, então uma dor de cabeça, mas a verdade era que não quisera

ver Sahel assim, destruído, vazio e destituído das coisas que o fizeram ser real. Koffi erguera os próprios muros para se proteger da lembrança quase constante de que ali havia morte, mas ela invadira a fortaleza da mesma forma. Agora, a ideia de deixar Sahel deitado ali na terra, tão sozinho quanto estivera nos últimos segundos pavorosos de sua vida, a perturbava. Ela pensou de novo no que ouvira os outros guardiões de feras sussurrando mais cedo naquele dia. Estavam dizendo por aí que Sahel esperara até tarde na noite anterior para fugir. Disseram que ele fora à Selva Maior esperando encontrar liberdade, e em vez disto deparara com uma criatura que matava por diversão. Koffi se encolheu. A reputação assassina de Shetani era assustadora o suficiente, mas o que a deixava em pânico de verdade era o fato de que há anos tentavam capturar o monstro, sem sucesso. Interpretando a expressão dela de modo errado, a mãe apertou a mão de Koffi.

— Prometo que voltaremos — sussurrou. — Agora anda, vamos.

Sem dizer mais nada, ela saiu da cabana. Koffi olhou para trás, para o corpo de Sahel, uma última vez antes de segui-la.

Lá fora, o sol estava se pondo, lançado contra um céu ferido por estranhas e curiosas fissuras pretas entre as nuvens. Essas fissuras desbotariam, até se tornarem um violeta mais suave com a proximidade da temporada de chuvas, mas nunca desapareciam completamente. Estiveram lá por toda a vida de Koffi, a marca inextinguível deixada pela Ruptura.

Ela não estivera viva um século antes, quando acontecera, mas os mais velhos, embriagados por vinho de palma, ainda falavam sobre o assunto de vez em quando. Bêbados e com vozes arrastadas, relembavam os tremores violentos que racharam a terra como um vaso de argila, os mortos espalhados pelas ruas de Lkossa depois que acabara. Eles falavam de um calor implacável e escaldante que havia feito os homens perderem a razão. Koffi, e toda criança de sua geração, sofrera as consequências daquele furor. Depois da Ruptura, o povo dela (os gedezianos) diminuía por conta da guerra e da pobreza, alvos fáceis de serem divididos e controlados. Os olhos da menina viajaram pelas rachaduras no céu, entrelaçando-se acima

de si como finos fios pretos. Por um segundo, ela pensou ter sentido algo enquanto olhava...

— Koffi! — chamou a mãe por cima do ombro. — Vamos!

Tão rápido quanto surgira, a sensação passou e Koffi continuou andando.

Em silêncio, ela e a mãe passaram por cabanas de tijolos de barro amontoadas ao redor do Zoológico Noturno; outros guardiões de feras estavam se preparando também. Cruzaram com homens e mulheres vestidos em túnicas esfarrapadas, alguns cuidando de ferimentos recém-enfaixados, resultados de encontros com feras, alguns marcados por feridas mais permanentes, como velhas cicatrizes e uns dedos a menos. Eles andavam com ombros curvados e cabeça baixa, como se carregassem um fracasso silencioso, o que Koffi odiava, mas entendia. A maioria dos trabalhadores do Zoológico Noturno era gedeziana como ela, o que significava que o espetáculo desta noite teria que continuar, mas a ausência de Sahel seria sentida. Ele não tivera família de verdade ali, mas fora um deles, preso àquele lugar graças à má sorte e más escolhas. Ele merecia mais que orações rápidas em uma cabana caindo aos pedaços; merecia um enterro adequado com moedas simbólicas colocadas na palma das mãos para garantir que chegaria à terra dos deuses. Mas ninguém podia se dar ao luxo de doar uma moeda. Baaz garantiria isso.

Um coro de gritos, rugidos e rosnares encheu o entardecer enquanto elas se aproximavam do poste de madeira torto que marcava o fim das cabanas dos guardiões de feras, a poeira vermelha sendo trocada por um espaço aberto de grama verde preenchido com gaiolas de todos os tamanhos, formas e cores. Koffi olhou para uma próxima e a cobra nyuvwira de oito cabeças encontrou seu olhar com curiosidade. Ela seguiu a mãe, ziguezagueando pelas gaiolas de elefantes pigmeus brancos, chimpanzés e um par de girafas pastando silenciosamente no cercado. Elas passaram por um aviário em forma de domo, cheio de impundulus preto e brancos, mal se lembrando de cobrir a cabeça enquanto os pássaros batiam as asas enormes e enviavam faíscas de relâmpagos pelo ar. O Zoológico Noturno

de Baaz Mtombé tinha a fama de ter mais de cem espécies peculiares em seu perímetro; em seus onze anos de ofício, Koffi nunca se dera ao trabalho de contar.

Elas se moveram rapidamente entre outras gaiolas, mas, quando chegaram aos limites do terreno, seus passos diminuíram. A gaiola de aço preto mantida ali estava separada das outras por uma boa razão. Na luz que se esvaía, apenas uma silhueta rígida era visível; o que se encontrava dentro estava oculto pelas sombras.

— Está tudo bem — garantiu a mãe, mesmo quando Koffi instintivamente se encolheu. — Vi o Diko mais cedo hoje e ele estava bem.

Ela se aproximou da gaiola ao mesmo tempo em que algo lá dentro se moveu. Koffi ficou tensa.

— Mãe...

— Venha, Diko.

A mãe manteve a voz baixa enquanto pegava uma chave enferrujada do bolso e a inseria no enorme cadeado. Em resposta, houve um silvo ameaçador, polido como uma lâmina. Os dedos dos pés de Koffi se fincaram na grama enquanto das sombras da gaiola emergia uma linda criatura.

O corpo dela era reptiliano e musculoso, todo adornado por escamas iridescentes que pareciam capturar centenas de cores toda vez que se mexia. Olhos espertos de citrino dançavam para lá e para cá enquanto a mãe mexia na fechadura, e quando a fera balançou a língua preta bifurcada entre as barras, um cheiro como o de fumaça tomou conta do ar.

Koffi engoliu em seco.

Da primeira vez que vira um jokomoto, quando menina, ela pensara serem criaturas feitas de vidro, frágeis e delicadas. Estivera errada. Não havia nada delicado em um lagarto soprador de fogo.

— Pegue a folha de hasira — instruiu a mãe. — Agora.

De imediato, Koffi pegou três folhas secas com veios de prata de uma bolsa amarrada nos quadris. Eram extraordinárias, brilhando com uma resina branca que grudava na ponta dos dedos ao amassá-las. As batidas de seu coração martelaram quando a porta da gaiola do jokomoto se

abriu e ele virou a cabeça. A mãe cobriu o nariz com a mão, a outra erguida em aviso.

— Calma...

Koffi ficou imóvel quando o jokomoto disparou gaiola afora e se esgueirou em direção a ela com pés longos em forma de garras. Ela esperou que ele estivesse a alguns metros de distância antes de jogar as folhas alto no ar. Os olhos de Diko as seguiram e ele se lançou, incrivelmente rápido. Houve um lampejo de dentes pontiagudos, uma trituração implacável, e então as folhas deixaram de existir. Com rapidez, Koffi enfiou as mãos de volta no bolso. Os jokomotos não eram nativos daquela parte de Eshōza; eram criaturas da parte ocidental do continente, supostamente filhos de Tyembu, o deus do deserto. Quase do mesmo tamanho de um lagarto monitor comum, Diko não era o maior, mais rápido ou mais forte animal mantido no Zoológico Noturno, mas era o mais temperamental (o que também o tornava o mais perigoso). Um movimento errado e ele poderia atear fogo no lugar inteiro; bastava olhar para as queimaduras feias nos guardiões de feras que haviam se esquecido disso. As batidas do coração de Koffi só desaceleraram depois que as folhas de hasira fizeram efeito e o lúrido brilho amarelo nos olhos dele diminuiu um pouco.

— Deixa comigo agora. — Koffi já estava indo para trás de Diko, segurando os arreios e a correia que pegara de uma pilastra ali perto. Curvando-se, ela prendeu as tiras gastas por baixo da barriga escamosa e as ajustou, enfim relaxando. Confiar nas frágeis amarras era uma bobagem (não adiantariam de nada se Diko se irritasse), mas ele estava controlado, ao menos por enquanto.

— Veja se as amarras estão bem presas.

Koffi ergueu o olhar.

— Pronto.

Satisfeita, a mãe deu batidinhas no focinho de Diko.

— Bom garoto.

Koffi revirou os olhos enquanto se endireitava.

— Não sei por que você fala com ele assim.

— Por que não? — A mãe deu de ombros. — Jokomotos são feras incríveis.

— São perigosos.

— Às vezes, coisas que parecem perigosas são só incompreendidas. — A mãe falou com uma estranha tristeza antes de acariciar Diko outra vez. Agora, como se para confirmar o que fora dito, ele gentilmente se esfregou na mão dela. O gesto pareceu animá-la. — E olhe para ele. Está de bom humor hoje.

Koffi começou a reclamar, mas pensou melhor. A mãe sempre tivera uma estranha empatia pelos habitantes do Zoológico Noturno.

— Sabe, aquela era a última folha de hasira. — Koffi mudou de assunto, tocando a bolsinha vazia para enfatizar. — Não temos mais nada até a nova entrega.

Nuvens da fragrância enjoativa das folhas impregnavam o ar até agora. Sem perceber, ela inspirou e foi tomada por uma sensação agradável.

— Koffi! — A voz da mãe saiu afiada, cortando aquela felicidade momentânea. Ela ainda segurava a correia de Diko com a testa franzida. — Você sabe que não deve inspirar.

Koffi se chacoalhou, irritada, e então balançou a mão no ar até que o cheiro se dissipasse. As folhas de hasira eram ervas sedativas colhidas de arbustos nas fronteiras da Selva Maior e, quando consumidas, eram potentes o suficiente para derrubar um elefante adulto; não era uma boa ideia inalar a fragrância tão de perto, mesmo em pouca quantidade.

— Devemos ir. — O olhar da mãe buscou a tenda iluminada do outro lado do terreno do Zoológico Noturno; outros guardiões de feras já estavam indo naquela direção, conduzindo animais. Dali, não era maior do que a chama vermelha e dourada de uma vela, mas Koffi reconheceu: o espetáculo da noite aconteceria na tenda. A mãe tornou a olhar para Koffi. — Pronta?

A garota sorriu. Nunca estava pronta para os espetáculos no Zoológico Noturno, mas isso pouco importava. Ela tinha acabado de se mover para ficar do outro lado de Diko quando percebeu algo.

— O que foi? — perguntou a mãe, percebendo que a outra arqueava a sobrancelha.

— Me diz *você*. — Agora Koffi estreitava os olhos. Havia algo de estranho na expressão da mãe dela, mas não dava para saber exatamente o quê. Ela observou com mais atenção. As duas se pareciam (twists pretos na altura dos ombros, nariz largo e lábios cheios emoldurados por um rosto em formato de coração), mas havia algo a *mais* na mãe naquela noite. — Você parece... diferente.

— Ah.

A mãe parecia estranhamente agitada, sem dúvida. E então Koffi reconheceu a emoção incomum nos olhos da mãe. Ficou envergonhada ao perceber que a coisa não reconhecida era felicidade.

— Aconteceu... alguma coisa?

A mãe passou o peso do corpo de um pé ao outro.

— Bem, eu ia esperar até amanhã para contar. E depois do que aconteceu com Sahel mais cedo, não parecia certo comentar, mas...

— *Mas?*

— Baaz me chamou para conversar há algumas horas — disse ela. — Ele calculou nossa dívida e... estamos quase quitando.

— O quê? — Algo semelhante a choque e alegria emergiu em Koffi. Diko bufou em uma manifestação repentina, jogando espirais de fumaça no ar, mas ela o ignorou. — Como?

— Aquelas horas extras que fizemos ajudaram. — A mãe deu um pequeno sorriso. Até sua postura estava mais ereta, como uma planta florescendo. — Só temos que fazer mais dois pagamentos e provavelmente poderemos quitar nos próximos dias.

Pura descrença passou por Koffi.

— E depois disso estaremos livres?

— *Livres*. — A mãe assentiu. — A dívida estará paga, com juros e tudo.

Koffi sentiu a tensão que segurava há tanto tempo ser liberada enquanto expirava. Como a maioria das coisas no Zoológico Noturno, os termos e condições impostos aos funcionários beneficiavam apenas

uma pessoa. Onze anos de trabalho com a mãe a ensinaram isso. Mas elas ganharam, venceram Baaz em seu próprio jogo perverso. Elas *iam embora*. Era tão raro guardiões de feras conseguirem pagar suas dívidas (fazia mais ou menos um ano desde que a última pessoa conseguira), mas agora era a vez delas.

— Para onde vamos? — perguntou Koffi. Ela mal podia acreditar que estava mesmo fazendo essa pergunta. Nunca haviam ido a lugar algum; ela mal se lembrava de uma vida fora do Zoológico Noturno.

A mãe se aproximou e tomou a mão de Koffi entre as suas.

— Podemos ir *para onde quisermos*. — Ela falava com um fervor que Koffi nunca havia ouvido. — Você e eu deixaremos este lugar e recomeçaremos em outro, e nunca, *nunca* olharemos para trás. Nunca voltaremos.

Nunca voltaremos. Koffi pensou nas palavras. Por toda a vida ela as desejara, sonhara com elas. Mas ouvi-las agora causava uma sensação estranhamente diferente.

— O quê? — A mãe notou a mudança na expressão de imediato. — O que foi?

— É só que... — Koffi não sabia se eram as palavras certas, mas tentou: — Nunca mais veremos as pessoas daqui.

A expressão da mãe se suavizou.

— Você sentirá saudades.

Koffi assentiu, secretamente chateada por se sentir assim. Não amava trabalhar no Zoológico Noturno, mas era o único lar que conhecia, a única *vida* que conhecia. Pensou nos outros guardiões de feras, não exatamente uma família, mas pessoas com as quais se importava.

— Também sentirei saudade — disse a mãe, gentil, lendo os pensamentos da filha. — Mas eles não iriam querer que ficássemos aqui, Koffi, não se não fosse preciso.

— Só queria que pudéssemos ajudá-los — murmurou Koffi. — Queria que pudéssemos ajudar todos eles.

A mãe deu um pequeno sorriso.

— Você é solidária. É guiada pelo coração, assim como o seu pai.

Koffi se remexeu, incomodada. Ela não gostava de ser comparada ao pai. Ele se fora.

— Mas às vezes você não pode se deixar guiar pelo coração — disse a mãe com gentileza. — Precisa pensar com a *cabeça*.

O som áspero de uma trombeta cortou o ar sem aviso, seu chamado emanando do distante Templo de Lkossa para reverberar pelos gramados do Zoológico Noturno em notas longas e sonoras. As duas ficaram tensas quando os sons das feras agitadas encheram os arredores e Diko expôs os dentes em um sinal de ansiedade. A trombeta da cidade enfim anunciara a chegada da noite. Era hora. De novo, os olhos da mãe passaram da tenda para Koffi.

— Está quase acabando, sementinha ponya — disse, suave, uma nota de esperança na voz. Não chamava a filha assim havia anos. — Sei como tem sido difícil, mas está quase acabando, prometo. Vamos ficar bem.

Koffi não respondeu enquanto a mãe agarrava a correia de Diko para conduzi-lo até a enorme tenda. Ela seguiu, mantendo-se atrás. Os olhos estavam arregalados, contemplando os últimos instantes de um céu da cor de sangue. As palavras da mãe ecoavam em sua mente:

Vamos ficar bem.

Elas ficariam bem, Koffi sabia disto agora, mas seus pensamentos ainda estavam presos em outra coisa, em outra *pessoa*. Sahel. Ele não estava bem; ele nunca ficaria bem outra vez. Não podia evitar pensar nele naquele momento, no garoto com o sorriso torto. Não conseguia evitar pensar no monstro que o matara e em quem mataria na próxima vez.

CAPÍTULO 2

DA RAIZ

Nos anos antes de seu desaparecimento, eles chamaram Satao Nkrumah de louco.

Mais tarde, os colegas dele sugeririam que os sinais evidentes de seu declínio estavam logo abaixo da superfície, destruindo em silêncio a mente do sábio como musgo em uma árvore podre. Os sintomas se tornaram cada vez mais aparentes com o tempo: crises, mudanças bruscas de humor, o agravamento da amnésia. Mas quando o velho Mestre Nkrumah, de 87 anos, começara a se referir à Selva Maior como “ela”, *aquela* fora a gota de água. Cuidadores foram buscados, planos de intervenção feitos. Um grupo de pessoas bem-intencionadas marchara até a porta da frente do idoso em uma tarde chuvosa para conduzi-lo (voluntariamente ou à força) a uma instituição que proporcionaria os cuidados adequados. Eles depararam com uma surpresa perturbadora.

Satao Nkrumah tinha desaparecido.

Ele deixara sua casa modesta levando somente as roupas que vestia. Sequer levava seu diário, que mais tarde se tornaria valioso por seus incomparáveis relatos da história natural da Região Zamani. As equipes de resgate não encontraram nada e depois de vários dias as buscas foram suspensas.

Décadas depois, os estudiosos de Lkossa ainda mencionavam ocasionalmente o velho Nkrumah, discutindo sua morte e desaparecimento

infames. Alguns acreditavam que yumboes de cabelo prateado, saídos das profundezas da Selva Maior, haviam levado o homem embora e ainda dançavam com ele, descalços sob a luz do luar. Outros tinham uma opinião mais sinistra, certos de que uma criatura maligna o arrancara da cama. É óbvio que essas histórias eram só isso, uma coleção de mitos e lendas. Ekon Okojo, que *não* era um estudioso, sabia que não devia acreditar em mitos e lendas (não podiam ser provados), mas *havia* uma coisa na qual ele acreditava com certeza.

A Selva Maior era um lugar maligno no qual não se podia confiar.

O suor escorria pelas costas enquanto ele caminhava, focando no barulho constante das sandálias contra o solo em vez das sinistras árvores de tronco preto à direita. *Exatamente 573 passos, um bom número.* Ele tamborilava os dedos contra a lateral do corpo em um ritmo contínuo enquanto contava.

Um-dois-três. Um-dois-três. Um-dois-três.

Apesar do calor, seus braços desnudos se arrepiaram, mas ele fez o possível para ignorar isso também, dedicando-se à contagem.

Um-dois-três. Um-dois-três. Um-dois-três.

Ele rezara aos Seis para não ser designado a um turno de patrulha aquela noite, mas parecia que os deuses não tinham o escutado ou não se importavam. Era quase entardecer agora, o momento em que o sol laranja-sangrento de Lkossa se punha atrás das árvores e incandescia suas silhuetas, o momento que ele *menos* gostava de estar perto da selva. Engoliu em seco, apertando o cabo de couro do hanjari preso no cinto.

— Encontramos o último corpo mais cedo.

Kamau caminhava ao lado dele, ombro a ombro, seu olhar de águia fixo à frente. Ele parecia despreocupado com a selva, mas se mostrava cansado.

— Era uma velha, com tendência a perambular por aí à noite.

Ekon inspirou fundo.

— Estava em que estado?

— Bem ruim. — Kamau balançou a cabeça. — Tivemos que enrolar o que sobrou dos restos em um cobertor para retirá-la do templo e levá-la para a cremação. Não foi... bonito.

Os restos. Ekon desviou o olhar das árvores, lutando contra a onda repentina de náusea. A expressão de Kamau continuou impassível. A maioria das pessoas dizia que Ekon e Kamau, de 17 e 19 anos, respectivamente, se pareciam mais com gêmeos do que com um irmão mais velho e um mais novo; ambos tinham pele da cor da terra molhada pela chuva, olhos marrom-ferrugem e cabelo enrolado e preto, curto nos lados, à moda yabahari. Mas era aí que a similaridade acabava; Kamau era mais musculoso, enquanto Ekon, mais magro. Kamau gostava da lança; Ekon preferia os livros no tempo livre. E havia outra diferença visível entre eles naquela noite.

O café de Ekon estava limpo. O do irmão, ensanguentado.

— Não vi você no jantar ontem à noite — comentou Ekon, tentando se distrair.

Kamau não respondeu. Estava encarando um arbusto de folhas com veios prateados perto das raízes de uma árvore próxima. Quando o olhar dele continuou focado ali, Ekon pigarreou.

— Kam?

— O que foi?

— Eu... perguntei onde você estava ontem à noite.

Kamau franziu a testa.

— Padre Olufemi tinha um trabalho para mim, confidencial. — Ele olhou para os dedos de Ekon, ainda tamborilando na lateral do corpo. — Você está fazendo aquela coisa estranha de novo.

— Desculpe.

Ekon fechou a mão em punho, forçando os dedos a se aquietarem. Não conseguia se lembrar de quando começara a fazer aquilo, a contagem, só era uma coisa que não conseguia evitar. Era impossível explicar, mas havia algo tranquilizador no hábito, um conforto que encontrara no trio.

Um-dois-três.

Três. *Três* era um bom número, assim como qualquer número divisível por ele.

Ekon deixou a nova contagem em sua mente preencher o silêncio constrangedor que se seguiu. Era mais fácil pensar sobre os números do que sobre o fato de que Kamau não respondera à pergunta. Houvera um tempo em que ele e o irmão compartilhavam tudo um com o outro, mas aquilo vinha acontecendo cada vez menos. Quando ficou evidente que o irmão não diria nada, Ekon tentou outra vez:

— Então... ainda não há novas pistas? Nenhuma testemunha?

— Nunca há. — Kamau chutou uma pedrinha, frustrado. — É sempre assim. Sem pistas, sem testemunhas, só corpos.

Um arrepio passou por Ekon e um silêncio solene se instaurou entre eles como poeira enquanto prosseguiam. Fazia quase um dia inteiro desde que a última vítima de Shetani fora resgatada na fronteira da selva. A essa altura, deveria ser menos chocante (a fera já ameaçava Lkossa bem antes de Ekon nascer), mas na verdade era impossível se acostumar com a carnificina que ela deixava para trás. De alguma forma as poças de sangue na terra sempre eram horríveis, os corpos mutilados sempre nauseantes. O estômago de Ekon revirou ao se lembrar do relatório de mortalidade que lera havia algumas horas. Oito vítimas. A mais jovem um garotinho, um servente contratado de não mais que 12 anos, encontrado sozinho. Aquelas eram o tipo de pessoas que as feras pareciam sempre escolher: as sem proteção, as vulneráveis.

Eles chegaram a uma curva do caminho ainda iluminada pela luz do sol. De pronto, Ekon ficou tenso. À direita, as árvores da selva ainda pairavam como sentinelas; à esquerda, uma extensão estéril de terra avermelhada se estendia por vários metros entre a divisa da cidade e a fronteira da selva para criar uma terra de ninguém. Era um lugar familiar. Quando eram pequenos e se sentiam corajosos ou inconsequentes, ele e Kamau iam até lá para brincar. Eles fingiam que galhos eram lanças e que os dois juntos podiam defender a cidade das criaturas da Selva Maior, as feras monstruosas da lenda. Mas essas aventuras eram coisa do passado; os

tempos haviam mudado. Agora, quando Ekon olhava para o emaranhado de árvores, raízes e videiras da selva, não se lembrava de nenhuma lenda.

Ele se lembrava de uma voz.

Ekon.

Ekon levou um susto. Toda vez que ouvia a voz de seu pai na cabeça, ela era arrastada como a de um homem que bebera demasiado vinho de palma.

Por favor. Ekon, por favor.

Não era real, ele sabia, mas seu coração bateu mais forte mesmo assim. Recomeçou a tamborilar os dedos, mais rápido, tentando usar a contagem para se centrar e se preparar para o que sabia que viria a seguir.

Um-dois-três. Um-dois-três. Não pense nisso. Um-dois-três. Um-dois-três.

Não funcionou. Sua visão periférica começou a ficar desfocada, uma névoa crescente enquanto o antigo pesadelo retornava. Ekon se sentiu ceder, lutando para separar a realidade da lembrança, o presente imediato do passado distante. Em seus pensamentos, não estava mais na fronteira da selva, estava *dentro* da selva agora, ouvindo tudo, *vendo* tudo, coisas que não queria...

Ekon, por favor.

Então viu um corpo, encharcado de sangue escuro. Ouviu um amedrontador farfalhar de árvores pouco antes de um cheiro pútrido azedar o ar, o cheiro de algo morto havia muito tempo. Ele viu uma figura sombria se movendo entre as árvores, um monstro.

Tudo levava de volta ao monstro.

Em protesto, seus pulmões buscaram ar, e então Ekon se esqueceu de vez de como respirar. As árvores pareciam tentar alcançá-lo agora, galhos pretos nodosos esticados como garras, famintos...

— Ekon?

Tão depressa quanto surgira, a névoa opaca na mente de Ekon retrocedeu, devolvendo-o ao presente. Ele estava de volta à fronteira da selva, a voz do pai se fora, e Kamau parara de caminhar. A preocupação criava um vinco entre as sobrancelhas do irmão.

— Você está bem?

— Há, sim. — Ekon se chacoalhou, se livrando do que sobrara do pesadelo como quem afasta teias de aranha. — Estava só... pensando sobre hoje à noite.

— Ah. — A breve dúvida no rosto de Kamau foi substituída por um olhar compreensivo. — Você está com medo.

— Não.

— É totalmente plausível — disse Kamau de maneira convencida. Ele se esticou e Ekon se ressentiu dos bíceps do irmão serem tão maiores. — Algumas pessoas acham os ritos de passagem do templo os mais difíceis em toda Eshōza. *Eu* não os acho tão desafiadores, é óbvio...

Ekon revirou os olhos. Havia dois anos, seu irmão se tornara elegível a se juntar aos Filhos dos Seis, os guerreiros de elite da cidade. Os ritos dele haviam ido tão bem que, logo após sua iniciação, ele fora promovido a *kapteni*, um capitão, apesar de ser jovem. Agora Kamau era um guerreiro muito respeitado, um homem. Aos olhos das pessoas, Ekon ainda era um menino irrelevante.

— *Ei*. — Como se pudesse ouvir os pensamentos do outro, a expressão de Kamau ficou pesarosa. — Não se preocupe, você vai passar.

— Você não é obrigado a dizer isso?

Agora Kamau revirou os olhos.

— Não. E com certeza não me daria ao trabalho de dizer se não acreditasse nisso. — Ele deu um soquinho no ombro de Ekon. — Só se solta um pouco, está bem? Relaxa. Você não se meteu em confusão, sabe as escrituras melhor do que ninguém e... seu manejo com a lança é *quase* tão bom quanto o meu. Além disso, você é um Okojo, então basicamente nasceu para isso.

Ekon sentiu como se tivesse engolido uma noz-de-cola inteira. *Nasceu para isso*. Por gerações, todo homem Okojo servira aos Filhos dos Seis, uma tradição mais longa do que a da maioria das outras famílias em Lkossa. Esse legado era fortificado, respeitado; deixava pouco espaço para inaptidão.

— Você vai deixar sua família orgulhosa. — Os olhos de Kamau focavam nas sandálias. — E sei que o pai ficaria orgulhoso, se ainda estivesse aqui.

À menção ao pai deles, Ekon titubeou.

— Obrigado. — Fez uma pausa antes de tornar a falar: — Olha, Kam, sei que não tenho permissão para saber o que acontece com antecedência, mas você não pode...?

— *Não*. — Kamau já balançava a cabeça, um novo sorrisinho erguendo os cantos da boca, por mais que tentasse permanecer sério. — Os ritos mudam a cada ano a critério do presidente Kuhani, Ekkie. O Padre Olufemi escolherá o seu. Nem *eu* sei o que será.

O frio na barriga de Ekon cessou por um momento. Ele ainda estava nervoso, mas saber que não teria que fazer fosse lá o que Kamau fizera durante os rituais de passagem *dele* era um pouco reconfortante.

Eles alcançaram o final do caminho da patrulha e pararam. A alguns metros de distância, os limites da Selva Maior começavam. Kamau olhou para cima e Ekon seguiu o olhar do irmão para ver as estrelas brancas e prateadas começando a brilhar no céu. Na luminescência calma, as cicatrizes deixadas pela Ruptura quase desapareciam. Quase. A ilusão não o enganava.

— É melhor a gente ir — disse Kamau. — Está quase na hora.

Ekon não admitiu em voz alta, mas quanto mais distância colocava entre si e os limites da selva, melhor ele se sentia. A cada passo para longe, a tensão em seus ombros se suavizava. Aos poucos, o ar da noite se encheu com o ruído familiar que era a cidade de Lkossa, com os sons e os cheiros de casa.

Nas ruas livres de terra, merceeiros se posicionavam ao lado de baracas de frutas frescas, barganhando seus últimos itens enquanto as lojas se preparavam para fechar. Ekon analisava cada um. Ele contou quinze comerciantes diferentes balançando tecidos pintados com vela e uma dupla de meninos curvou-se sobre uma prancha de oware de madeira enquanto parava o jogo para acenar com entusiasmo para Kamau quando viram

o punho dourado de seu hanjari. Um grupo de jovens mulheres (*quatro* jovens mulheres) deu risadinhas com a mão na frente da boca quando eles passaram, com olhares apreciadores para Kamau, e Ekon tentou atenuar a velha pontada de inveja. Quando garoto, se acostumara a ver pessoas dando ao pai dele esse tipo de atenção quando o viam de uniforme, mas com Kamau era mais difícil. Ekon queria aquele respeito e admiração para si, ser percebido sem tentar.

Quase lá, ele se lembrou enquanto os dedos tamborilavam na lateral do corpo. *Depois que concluir o seu último rito de passagem esta noite, você se tornará um Filho dos Seis, um guerreiro, um homem. Será a sua vez.* Mesmo na privacidade de sua mente, aquela promessa parecia pertencer a outra pessoa.

As ruas se esvaziaram enquanto eles se aproximavam daquelas que levavam ao templo, mas, um pouco antes de alcançarem-no, a expressão de Kamau endureceu.

— Alto!

De repente, o burburinho da rua morreu e olhares apreensivos foram lançados. Até Ekon parou, confuso. De acordo com sua contagem, havia apenas dezoito pessoas naquela estrada. Ele observou por um momento, e então encontrou o que Kamau já encontrara. Havia contado errado.

A garotinha parada a poucos metros deles tinha olhos escuros e fundos, um emaranhado de cabelo preto despenteado emoldurando o rosto magro. Ela usava uma túnica puída, uma manga pendurada em seu ombro muito ossudo, e a pele de suas pernas e pés estava visivelmente seca e rachada. Por um momento, Ekon não entendeu a expressão assustada dela enquanto os olhava, mas então ele viu o bolso protuberante dela, o tremor em suas mãos. Ela tinha a aparência inconfundível de alguém que acabara de ser flagrada.

— Você! — Kamau avançou na direção dela, e Ekon sentiu o coração apertar. — Parada onde está!

Um segundo se passou antes que a garota disparasse pela rua.

— Pare! — Kamau começou a correr e Ekon também. Ninguém mais na rua se moveu enquanto eles serpenteavam entre as pessoas. A garota virou à direita e então desapareceu em uma viela bifurcada. Kamau grunhiu de frustração. — Essas passagens são interligadas. — Ele foi em direção a uma e apontou para que Ekon fosse na direção oposta. — Vá pela outra!

Ekon obedeceu sem hesitar, ignorando a dorzinha de piedade em seu peito. A garota parecia tão jovem, assustada. Ele não sabia se ela tinha mesmo roubado algo de valor, mas isto não importava. Ela desobedecera a uma ordem direta de um Filho dos Seis. Se fosse pega, seria presa. Ele balançou a cabeça, ignorando a emoção para voltar ao foco. A garota os levou até o Distrito Chafu, uma região pobre e complicada de Lkossa. As mãos dele tocaram o hanjari enquanto corria. Ele não se descuidaria a ponto de ser surpreendido ou cair numa emboscada.

Ele virou uma esquina, esperando encontrar Kamau. Em vez disso, deparou com uma viela vazia.

— Olá? — O chamado dele não teve resposta, ecoando sinistramente nos tijolos de barro. — Kam?

— Temo que não, jovem.

Ekon se virou. Uma velha estava sentada de pernas cruzadas contra uma das paredes da viela, quase camuflada na sujeira. O cabelo era branco e felpudo e a pele negra, de textura irregular, como madeira mal esculpida. Um amuleto enferrujado estava pendurado em um cordão no seu pescoço, embora estivesse escuro demais para distinguir os detalhes. Ela deu a Ekon um sorriso gengival enquanto se observavam e ele lutou contra um arrepio; em sua boca faltavam vários dentes.

— Que estranho... — A velha passou o dedo no lábio inferior. Falava zamani, mas seu dialeto tinha quase uma cadência musical. Ela era do povo gedeziano. — Quase não vejo garotos yabaharis nesta parte da cidade.

Ekon endireitou a postura.

— Estou procurando uma garotinha, você viu...

Ekon.

Ekon ficou imóvel, perturbado. Por um segundo, pensou ter ouvido... mas... não, aqui não. Não podia ser. Ele estava longe demais da selva agora para que a voz do pai o seguisse. Ele nunca a ouvira naquela distância. Não era possível. Ele pigarreou.

— Ham-ham. Você...?

Ekon, por favor.

Desta vez, Ekon enrijeceu a mandíbula. Ele não resistiu ao arrepio que passou por seu corpo.

Não. Ele olhou para a direita, na direção da selva, enquanto os dedos dançavam nas laterais do corpo. *Não, aqui não, agora não...*

— Ela o chama com frequência?

Ekon levou um susto. Quase tinha se esquecido da velha. Ela ainda estava sentada diante dele, mas agora a expressão dela era de divertimento.

— Eu... — Ekon pausou, tentando entender as palavras dela. — *Ela?*

— A selva. — A mulher se endireitou, balançando de um lado a outro como se embalada por uma canção inaudível. — Às vezes ela também me chama. Eu não poderia dizer o motivo. A magia é uma coisa peculiar, assim como as coisas que ela toca.

Um tremor subiu pelo braço de Ekon como uma aranha; a boca ficou seca como areia.

— Não... não existe isso de magia — disse, trêmulo.

— É *isso* o que acha? — A velha inclinou a cabeça como um pássaro, esfregando o polegar contra o amuleto. Estava observando Ekon com mais atenção agora. — Que curioso, *muito* curioso...

O instinto de Ekon pedia que ele corresse, mas de repente isto pareceu impossível. Algo na voz, nos *olhos* da velha o manteve preso. Ele deu um passo na direção dela, puxado como um peixe indefeso fsgado por uma linha...

— Ekkie?

Ekon olhou para cima e o estranho transe se quebrou de imediato. Kamau estava se aproximando pela outra extremidade da viela, arandelas acesas lançando sombras que acentuavam o alívio em seu rosto.

— O que está fazendo?

— Eu... — Ekon olhou para onde a velha estivera sentada. Ela tinha desaparecido. Estranhamente, ele teve dificuldade em se lembrar da aparência dela. Era como se nunca tivesse existido. Perturbado, ele encarou Kamau, tentando manter a voz firme: — Eu... não consegui encontrar a garota.

— Nem eu — respondeu Kamau. — Mas não temos tempo para continuar procurando. Vamos.

Caminharam em silêncio, até alcançarem dois pilares dourados que marcavam o começo do Distrito Takatifu, e Ekon endireitou a postura. A cidade de Lkossa era uma coleção de seções ordenadas com perfeição, mas o distrito do templo era diferente. Era a única parte da cidade que mantinha o toque de recolher; depois do pôr do sol, ficava fechada para o público. Eles subiram um caminho sinuoso e mesmo dali Ekon podia discernir o próprio templo. Era seu lar, o local onde crescera, mas naquela noite parecia incomum. Seu enorme domo, coberto sobre a pedra de alabastro branco, parecia determinado a deter o brilho de cada estrela em seu reflexo. Com a brisa, Ekon sentiu o cheiro de bulbos de incenso para oração emanando dos parapeitos e janelas arqueadas. Como o esperado, Ekon distinguiu duas figuras de pé no topo da escadaria principal, de costas, quando se aproximaram. Fahim e Shomari (seus cocandidatos) o esperavam. Era chegada a hora.

— Quando nos encontrarmos de novo, você será um Filho dos Seis ungido. — Kamau parou ao lado dele na base da escadaria, mantendo a voz baixa: — Seremos irmãos de lança, assim como somos irmãos de sangue — proclamou ele sem qualquer resquício de dúvida.

Ekon engoliu em seco. O irmão tinha fé nele; acreditava nele.

Assim como seu pai acreditou um dia, disse uma voz cruel na cabeça de Ekon. *Ele confia em você, como seu pai confiou.*

Ekon abafou aquela voz enquanto assentia.

— Seja forte. — Kamau o conduziu à frente antes de retornar para a noite. — Você consegue. E lembre-se: Kutoka mzizi.

Ekon começou a subir as escadas, as palavras ecoando ao se movimentar. *Kutoka mzizi* significava “da raiz”. O velho adágio da família era um lembrete de onde ele viera e as expectativas que vinham junto. *Kutoka mzizi*.

O pai fora quem ensinara a ele e Kamau aquelas palavras sagradas quando eram pequenos. Ele devia estar ali para dizê-las agora.

Mas o pai não estava lá. O pai estava morto.

Pouco antes de chegar ao patamar, Ekon olhou por cima do ombro. Kamau já se fora e dali a Selva Maior do lado oposto da cidade não era nada mais que um borrão estranho contra a noite cor de obsidiana, longe demais para que suas vozes o atingissem. Mesmo assim, enquanto tornava a se virar, Ekon não conseguiu ignorar o sentimento de que, de dentro das profundezas, algo o observava, à espera.